

# a terra é redonda

**José Cavalcante de Souza (1925-2020)**



Por **PAULO BUTTI DE LIMA\***

*Retrato do professor e tradutor do grego*

Para lembrar José Cavalcante de Souza podemos tomar emprestado o que foi dito por um poeta parnasiano a propósito de um helenista francês do século XIX: “nenhuma dificuldade do grego podia detê-lo, e sua voz exprimia uma paixão tal que não conheci em nenhum outro homem de nossa geração. A visão apenas dos caracteres gregos o transportava de alegria; na leitura, era visível que ele se animava interiormente; no comentário, era um entusiasmo. Sua face nobre se iluminava. Com seu prazer em falar dos gregos, ele se excitava ao ponto de esquecer as exigências materiais da existência e do bem-estar”.

Quem frequentou a Faculdade de Letras da USP no início dos anos 1980 podia ainda seguir os cursos do professor Cavalcante no prédio das Colmeias. Ao seu lado, encarregava-se do ensino de grego e latim um grupo de professores que foi responsável por uma importante renovação nos estudos clássicos em várias universidades brasileiras e que suscitou um amplo interesse pelas línguas antigas no país.

Cavalcante lia, então, trechos da *Ilíada* em língua original, e tecia breves comentários sobre os aspectos mais complexos do poema homérico, de sua métrica e, em geral, de sua estrutura poética, dirigindo-se a um público restrito de iniciados. Além de Homero, dedicava uma atenção particular a autores como Píndaro, Platão, e mais tarde Aristóteles. Muitos dos que frequentávamos com uma certa frequência as salas da Letras vínhamos do curso de Filosofia, onde éramos introduzidos à reflexão pré-socrática graças à edição por ele organizada para a coleção “Os Pensadores”.

Não é casual que José Cavalcante de Souza tenha escolhido para publicar, dentre as obras platônicas, duas traduções de diálogos sobre o amor: o *Banquete* e o *Fedro*. Pode-se, com efeito, descrever sua relação com toda a literatura grega antiga como uma intensa relação amorosa.

Mais curiosos são os temas que explorou como introdução a esses diálogos. Na tradução do *Banquete*, aparecida em 1966, ele explica a natureza de uma edição crítica do texto antigo. Ou seja, prepara o leitor para aquilo que *não* pode encontrar em uma tradução. Exprimia, assim, a esperança que uma reimpressão futura desse trabalho pudesse incluir o objeto para o qual o leitor estava sendo dirigido: o texto original. Ou melhor, o resultado da procura incessante pela lição original, como evidenciada pelo aparato crítico.

Já na tradução do *Fedro*, publicada em anos bem mais recentes, temos como apresentação uma paráfrase delicada, util, referida à parte inicial do diálogo. Fica claro para o tradutor que, diante desses textos filosóficos, estamos no vestíbulo de um palácio. O tradutor é uma espécie de guia, ou mesmo um mordomo, que nos prepara para uma experiência que não poderá, enquanto tradutor, oferecer a seus leitores. Ele deve somente anunciar a experiência, com gestos ao mesmo tempo tímidos e solenes. Evocando a imagem do vestíbulo para o texto platônico, Cavalcante o descreve como “um amplo arrazoado sobre as principais formas culturais e cultuais do delírio, responsáveis pelos maiores benefícios aos homens”. O ingresso do edifício é ornado por divindades – Apolo, Dioniso, as Musas e Eros. Não devem ser estátuas, porém, o que admiramos nesse percurso arquitetônico em direção à obra filosófica, mas as próprias divindades do mundo pagão.

Curiosamente (sempre segundo Cavalcante), Platão, após nos ter colocado diante desse tesouro, nos conduz não para o interior do palácio, como seria de se esperar, mas... “para fora”. O que é logo explicado: “para a demonstração da imortalidade da alma” e a descoberta da ordem do universo. Esse guia e tradutor da obra antiga, reverente e receoso,

# a terra é redonda

tendo apontado para o vestíbulo da casa e para o que está do lado externo, cala-se, discretamente, sobre o que permanece em seu interior, na morada do filósofo.

\***Paulo Butti de Lima** é professor na Universidade de Bari, Itália. Autor, entre outros livros, de *Platão: uma poética para a filosofia* (Perspectiva).

A Terra é Redonda